

## ALGUMAS NOTAS SOBRE O LIVRO "CÓDICE ALAMIRE"

A João Urbano

Este livro, primitivo na sua essência, remete para a antiguidade. Tudo nele inscreve as marcas da inexorável passagem do tempo (conceito vital no meu trabalho), desde o apodrecimento do que foi em tempos uma capa de guardar desenhos até aos papéis que a revestem no interior ou a escolha do papel utilizado, passando pela aplicação do cimento que confere ao livro um carácter pesado mas também desolado e, de algum modo, a sensação de algo em acelerada decomposição.

Uma vez mais e como sempre, estamos perante um livro contra o presente. A selecção de iconografia rupestre imprime a este livro um profundo silêncio. E isto advém do facto de eu considerar que se torna imperioso a arte parar um pouco para reflectir sobre si própria e calar-se ou pelo menos “falar” em surdina. Assim as figuras rupestres seleccionadas estão de tal modo mudas, e o branco que, com dificuldade, as fixa na superfície acidentada do cimento é, ele também, mudo. As legendas referem-se a conceitos como luto, pranto, dor, isolamento, exílio, mas também a plenitude, humildade, harmonia, as palavras mais belas e exactas - como habitualmente recorreu-se a uma língua morta o que contribui para localizar melhor este livro na mais remota antiguidade.

A ténue ligação deste livro à arte contemporânea deve-se apenas ao facto objectivo de ter sido executado agora, no séc. XXI por um autor actual. Tudo o resto, os suportes, materiais e iconografia, revelam uma recusa veemente do "fazer" actual, o que significa que quer o autor quer o livro não se reveem na arte dita contemporânea (porventura "demasiado" contemporânea...), nem na geração por demais hedonista, fútil, glamorosa e hiper-tecnológica a que, contra vontade e sem esconder a 'malaise, pertence. O lado primitivo, minimal mesmo, é também uma consequência da apertada e rigorosa selecção dos poucos materiais empregues, em claro contraste com o carácter barroco (portanto excessivo) dos meus livros anteriores. Esta depuração, esta redução ao essencial, é também uma purificação, uma busca (talvez utópica) do espírito primordial por oposição ao excesso de ruído visual que caracteriza e de que padece a maior parte da produção artística dos nossos dias.

O medo de que se fala no fim do livro tem precisamente a ver com a angústia perante o devir das sociedades actuais nas suas vertentes inter-pessoais, tecnológicas e políticas, da incerteza quanto ao futuro da arte e da civilização, da incógnita e algum cepticismo quanto ao destino da europa (na qual, apesar de tudo, continuo a acreditar), da dificuldade da simplicidade, da velhice, da doença, da morte, os velhos temores. Esta angústia toma conta de nós e contamina-nos ... e o medo fará o resto.

Como não podia deixar de ser este livro é dedicado a Petrus Alamire, famoso iluminador de códices musicais do séc. XVI. De novo um obrigado especial a A.N. pela preciosa colaboração.

josé oliveira - cruz quebrada, 10 de maio 2006